

1254-1261- SS Alexander IV – Bulla ‘Clara Claris Praeclara’ [AD 1255-09-26]

[http://www.procas.org.br/paragrafo_subcapitulo.php?titulo=Clara%20claris%20praeclara%20\(1255\)&cSubCap=158&vertudo=1](http://www.procas.org.br/paragrafo_subcapitulo.php?titulo=Clara%20claris%20praeclara%20(1255)&cSubCap=158&vertudo=1)

¹Alexandre, bispo, servo dos servos de Deus, a todos os veneráveis irmãos arcebispos e bispos estabelecidos no reino da França: saúde e bênção apostólica.

²Clara, preclara por seus claros méritos, clareia claramente no céu pela claridade da grande glória, e na terra pelo esplendor dos milagres sublimes.

³Brilha aqui claramente sua estrita e elevada religião, irradia, no alto a grandeza de seu prêmio eterno, e sua virtude resplandece para os mortais com sinais magníficos.

⁴A esta Clara foi dado o título do privilégio da mais alta pobreza; a ela é dada nas alturas como recompensa uma profusão inestimável de tesouros; e os católicos demonstram para com ela plena devoção e uma honra imensa.

⁵Esta Clara foi distinguida aqui por suas obras fúlgidas, esta Clara é clarificada no alto pela plenitude da luz divina. E a maravilha de seus prodígios estupendos declara-a aos povos cristãos.

⁶Ó Clara, dotada de tantos modos pelos títulos da claridade! Foste clara antes da tua conversão, mais clara na conversão, preclara por teu comportamento no claustro e brilhaste claríssima depois do curso da presente existência!

⁷O mundo recebeu de Clara um claro espelho de exemplo: por entre os prazeres celestiais, ela oferece o lírio suave da virgindade. E na terra, sentem-se os remédios manifestos do seu auxílio.

⁸Ó admirável clareza da bem-aventurada Clara, que quanto mais diligentemente é buscada em pontos particulares mais esplendidamente é encontrada em tudo.

⁹Brilhou no século e resplandeceu na religião. Em casa foi luminosa como um raio, no claustro teve o clarão de um relâmpago!

¹⁰Brilhou na vida, irradia depois da morte. Foi clara na terra e reluz no céu!

¹¹Como é grande a veemência de sua luz e como é veemente a iluminação de sua claridade!

¹²Ficava esta luz fechada no segredo do claustro, mas emitia raios brilhantes para fora. Recolhia-se no estreito convento, e se espalhava pelo amplo mundo.

¹³Guardava-se lá dentro e manava fora.

¹⁴Pois Clara se escondia, mas sua vida se manifestava; Clara se calava, mas sua fama clamava; trancava-se na cela e era conhecida pelas cidades afora.

¹⁵Nem é de admirar, porque uma luz tão acesa, tão luminosa não podia esconder-se, deixando de brilhar e de dar uma clara luminosidade na casa (cfr. Mt 5,14.15) do Senhor. Nem poderia fechar-se um vaso de tantos aromas, deixando de perfumar e de impregnar com suave odor a mansão do Senhor.

¹⁶Mais, como quebrou com dureza o alabastro de seu corpo no estreito recinto da solidão, o ambiente da Igreja ficou totalmente repleto com o odor (cfr. Mt 26,7; Jo 12,3) de sua santidade.

¹⁷De fato, quando ainda menina, no século, procurou desde a mais tenra idade atravessar por um atalho limpo este mundo frágil e imundo, guardando sempre o precioso tesouro de sua virgindade com ilibado pudor,

¹⁸de forma que sua fama grata e louvável passou aos vizinhos e a outros, e São Francisco, ouvindo apregoar esse conceito de que gozava, começou logo a exortá-la, induzindo-a ao perfeito serviço de Cristo.

¹⁹Ela, acolhendo logo suas santas admoestações e desejando renunciar totalmente ao mundo com todas as coisas terrenas e servir só a Deus na pobreza voluntária, cumpriu logo que pôde esse seu ardente desejo.

²⁰Porque, afinal, transformou todos os seus bens em esmolas e as distribuiu para ajudar os pobres (cfr. Lc 12,33; 18,22), entregando juntos a Cristo ela mesma e tudo que era seu.

²¹Quando quis fugir do ruído do mundo, foi para uma igreja do campo, onde recebeu a sagrada tonsura do próprio São Francisco, e passou para uma outra. Aí seus parentes quiseram levá-la de volta, mas ela imediatamente abraçou o altar, agarrou suas toalhas e, mostrando o corte dos cabelos, resistiu com força e constância aos parentes, tomando essa atitude.

²²Porque, como já estava unida a Deus com toda a sua decisão, não podia suportar que a afastassem de seu serviço.

²³Finalmente foi levada pelo próprio São Francisco para a igreja de São Damião, fora da cidade de Assis, onde nascera. E o Senhor lhe ajuntou muitas companheiras, para o amor e o culto assíduo de seu nome.

²⁴Pois foi dela que recebeu salutar início a insigne e santa Ordem de São Damião, já amplamente espalhada neste mundo.

²⁵Foi ela que, a conselho de São Francisco, deu começo a esse novo modo de viver a santa observância.

²⁶Foi ela o primeiro e estável fundamento dessa grande família religiosa. Foi ela a primeira pedra dessa elevada obra.

²⁷De família nobre, mas ainda mais nobre pelo comportamento, ela, que já antes havia guardado a virgindade, conservou-a principalmente sob essa regra religiosa.

²⁸Mais tarde sua mãe, chamada Hortolana, mulher dedicada às boas obras, entrou devotamente nesta religião seguindo o exemplo da filha.

²⁹E aí, afinal, essa ótima hortelã, que produziu tal planta na horta do Senhor, concluiu felizmente os seus dias.

³⁰Depois de alguns anos, a bem-aventurada Clara, vencida pela forte insistência do próprio São Francisco, aceitou o governo do mosteiro e das irmãs.

³¹Na verdade, ela foi a árvore destacada (cfr. Dn 4,8) e eminente, de ampla ramagem, que deu o doce fruto da religião no campo da Igreja, e em cuja sombra agradável e gostosa acorreram e acorrem de toda parte muitas discípulas de fé para saborear um fruto tão especial (cfr. Ct 2,3).

³²Ela foi o veio límpido do Vale de Esopo, que proporcionou uma nova fonte de água (cfr. Est 10,6) da vida para refazer e ajudar as almas. E se espalhou em ribeiros diversos no território da Igreja, regando o plantio da religião.

³³Ela foi um elevado candelabro da santidade, brilhando com força no tabernáculo (cfr. Hb 9,2) do Senhor, e para seu enorme esplendor correram e correm tantas, querendo em sua luz acender suas lâmpadas (cfr. Mt 25,7).

³⁴É certo que ela plantou e cultivou no campo da fé a vinha da pobreza, da qual se colhem frutos de salvação, abundantes e ricos.

³⁵Ela fez no terreno da Igreja o jardim da humildade, formado pela falta de muitas coisas, em que se colhe uma grande variedade de virtudes.

³⁶Ela edificou nas terras da religião a fortaleza da abstinência estrita, em que se serve a refeição abundante dos pratos espirituais.

³⁷Ela foi a primeira entre os pobres, a comandante dos humildes, mestra dos continentais, e abadessa dos penitentes.

³⁸Ela governou o seu mosteiro e a família que nele lhe foi confiada, com solícitude e prudência no temor e no serviço do Senhor e na plena observância da Ordem:

³⁹Vigilante no cuidado, esforçada no serviço, atenta na exortação; diligente para admoestar, prestimosa para se compadecer, discreta para se calar, madura no silêncio, experimentada em todas as coisas oportunas para um perfeito governo, querendo mais prestar serviço que dominar, e mais honrar do que ser honrada.

⁴⁰Sua vida era instrução e doutrina para as outras.

⁴¹Nesse livro da Vida (cfr. Ap 21,27), as outras aprenderam a regra do bem viver; nesse espelho da Vida, as irmãs contemplaram os caminhos da vida.

⁴²Pois permanecia na terra com o corpo, mas de ânimo andava pelo céu. Foi vaso da humildade, arca da castidade, ardor da caridade, doçura da bondade, força da paciência, vínculo de paz e comunhão de familiaridade. Mansa de palavra, doce nas atitudes, em tudo amável e bem aceita.

⁴³Para fortalecer o espírito abatendo a carne (porque todos ficam fortes quando o inimigo se enfraquece), usava como leito o solo nu e, às vezes, uns sarmentos, colocando como travesseiro embaixo da cabeça um duro tronco,

⁴⁴contente com uma só túnica e um manto de pano grosseiro, desprezado e rude.

⁴⁵Servia-se dessas roupas humildes para cobrir seu corpo, usando, às vezes, junto à carne um áspero cilício feito de cordinhas de crina de cavalo.

⁴⁶Parca também no comer e discreta no beber, freava-se com tanta abstinência nessas coisas que, por muito tempo, não provou absolutamente nada como alimento de seu corpo em três dias da semana: nas segundas, quartas e sextas-feiras.

⁴⁷E também nos outros dias se restringia tanto na limitação do alimento, que os outros se admiravam de que pudesse sobreviver com tão forte rigor.

⁴⁸Entregando-se também assiduamente a vigílias e orações, era a isso que dedicava principalmente seu tempo de dia e de noite.

⁴⁹No fim, afetada por constantes doenças, como não podia levantar-se sozinha para nenhum exercício corporal, era erguida com auxílio de suas Irmãs e, com apoios colocados nas costas, trabalhava com as próprias mãos (cfr. 1Cor 4,12) para não ser ociosa nem em suas enfermidades.

⁵⁰Foi assim que fez fazer com pano de linho desse seu esforço e trabalho muitos corporais para o sacrifício do altar, mandando-os distribuir pelas planícies e montanhas de Assis a diversas igrejas.

⁵¹Mas como amava principalmente e cultivava com zelo a pobreza, fixou-a de tal forma em seu coração, uniu-a tanto a seus desejos, que cada vez mais firme no seu amor e mais ardente no seu abraço, nunca se afastou dessa apertada e gostosa união por necessidade alguma.

⁵²E jamais pôde ser levada pela persuasão de ninguém a consentir que seu mosteiro tivesse propriedades particulares, ainda que o Papa Gregório, nosso predecessor de feliz recordação, pensando piedosamente na enorme indigência de seu mosteiro tenha querido dar-lhe de boa vontade as propriedades suficientes e adequadas para o sustento de suas Irmãs.

⁵³Mas como não dá para suprimir um luminar grande e esplêndido, impedindo que solte seus raios de claridade, assim foi sua vida, brilhante em muitos e variados milagres pela força de sua santidade.

⁵⁴Pois devolveu a voz a uma das Irmãs do próprio mosteiro, que a perdera quase completamente havia muito tempo.

⁵⁵A outra, destituída por completo do uso da língua, deixou falando correntemente.

⁵⁶A outra abriu um ouvido surdo.

⁵⁷Curou uma que tinha febre, uma inchada pela hidropisia, uma com a chaga de uma fístula e outras oprimidas por outras doenças, fazendo sobre elas o sinal da Cruz.

⁵⁸A um frade da Ordem dos Menores curou da loucura de que padecia.

⁵⁹Pois uma vez, faltando totalmente o azeite no mosteiro, ela chamou o frade que lá estava, encarregado de pedir esmolas, tomou uma vasilha, lavou-a e colocou-a vazia junto à porta do mosteiro para que o frade a levasse para conseguir o óleo.

⁶⁰Mas quando ele foi pegá-la, encontrou-a cheia de azeite, por dom da liberalidade divina.

⁶¹Outra vez, como não houvesse um dia no mosteiro mais do que meio pão para a refeição das Irmãs, ela mandou dividir essa metade em porções para dar às Irmãs. Aquele que “é o pão vivo” e “dá de comer aos que têm fome” (Jo 6,41; Sl 145,7),

⁶²multiplicou-a nas mãos da que a partia de tal forma que deu para cinquenta porções suficientes, que foram distribuídas às Irmãs já sentadas à mesa (cfr. Lc 9,14-16).

⁶³Por esses e outros sinais notáveis, destacou-se, enquanto viveu, pela eminência de seus méritos.

⁶⁴Mas também quando estava nas últimas, viu-se um alvo grupo de bem-aventuradas virgens, de coroas refulgentes, em que uma se destacava com maior fulgor, entrando no aposento

⁶⁵em que a serva de Deus jazia. Foram até a sua cama e demonstraram estar cumprindo para com ela como que o dever de visitar, dando o conforto de consolação, num gesto de humanidade.

⁶⁶Depois de sua morte, levaram ao seu sepulcro um homem que vivia caindo por sofrer de epilepsia, e nem podia andar por causa de uma perna encolhida. Lá, a própria perna fez um ruído de estar quebrando-se e ele ficou livre dos dois males.

⁶⁷Nesse mesmo lugar, receberam a cura integral pessoas curvadas na cintura, de membros aleijados, tomadas de fúria e atacadas pelo mal da demência.

⁶⁸Houve um cuja mão direita, perdida para o uso por uma violenta pancada, tinha ficado inútil, pois não conseguia fazer nada, mas, pelos méritos da Santa, foi plenamente recuperada.

⁶⁹Outro, que tinha perdido a luz dos olhos por prolongada cegueira, foi levado ao sepulcro com ajuda de outra pessoa, mas ali recuperou a visão e voltou sem quem o dirigisse.

⁷⁰Esta virgem gloriosa resplandeceu por essas e muitas outras obras e milagres gloriosos, de forma que parece evidentemente cumprido o que sua mãe disse que ouviu, quando estava rezando, na gravidez em que a esperava: que haveria de gerar uma luz que iria iluminar bastante o mundo.

⁷¹Alegre-se, então, a Mãe Igreja, que gerou e educou essa filha que, como genitora fecunda de virtudes, produziu com seus exemplos muitas discípulas da religião, formando-as para o serviço perfeito de Cristo com perfeição.

⁷²Alegre-se também a alegre multidão dos fiéis, porque o Rei e Senhor dos céus levou (cfr. Ct 1,3; Mt 22,1) com glória para o seu alto e preclaro palácio a sua irmã e companheira, que Ele havia escolhido como esposa.

⁷³Porque também as fileiras dos santos estão festejando juntas, pois, em suas habitações celestes, celebram-se as núpcias da noiva real.

⁷⁴De resto, como é conveniente que a Igreja católica venere na terra aquela que Deus exaltou no céu,

⁷⁵pois, após diligente e cuidadosa pesquisa, um exame detalhado e uma solene discussão, ficaram bem comprovados sua santidade de vida e seus milagres,

⁷⁶ainda que seus atos fossem já claramente conhecidos, tanto aqui por perto como em países afastados,

⁷⁷Nós decidimos colocá-la no álbum dos santos, com o conselho e o consentimento comum de nossos irmãos e de todos os prelados, então, presentes na Sé Apostólica, confiando na onipotência divina, por autoridade dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo e nossa.

⁷⁸Por isso, recomendamos e exortamos atentamente a vós todos, mandando por esta carta apostólica que celebrais com devoção e solenidade a festa desta virgem no dia 12 de agosto

⁷⁹e que a façais celebrar por vossos súditos com toda veneração, para que mereçais tê-la como piedosa e diligente ajuda diante de Deus.

⁸⁰Para que os povos cristãos acorram em multidões para venerar com maior desejo e abundância o seu sepulcro e para que sua festa se celebre com maior esplendor,

⁸¹Nós, confiando na misericórdia do Deus todo-poderoso e na autoridade de seus bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, dispensamos um ano e quarenta dias das penitências que tiverem sido dadas

⁸²a todos aqueles que verdadeiramente arrependidos e confessados forem cada ano venerar reverentemente seu sepulcro, impetrando humildemente sua intercessão, no dia da festa da virgem.

⁸³Dado em Anagni, no vigésimo sexto dia de setembro (de 1255), no primeiro ano de nosso pontificado.